



UM “TREM” CHAMADO COMBOIO: CAMINHOS DA REDE DE AGROECOLOGIA NO SUDESTE

A “train” called Comboio: paths of the agroecological network in the Southeast of Brazil

Rafaela Silva Dornelas¹, Leandro de Souza Lopes², Natália Almeida Souza³, Yolanda Maulaz Elteto⁴, Irene Maria Cardoso⁵

RESUMO

A presente narrativa objetivou organizar a trajetória e compartilhar as lições e desafios sistematizados a partir da experiência do Projeto Comboio de Agroecologia do Sudeste, uma Rede de Núcleos de Estudos em Agroecologia (R-NEA), que reuniu os Núcleos de Estudos em Agroecologia dos estados da região sudeste do Brasil. O processo de sistematização do projeto teve como marco o Seminário Regional de Avaliação e Sistematização de Experiências do Sudeste. O texto é produto coletivo de sínteses elaboradas por muitos atores ao longo da trajetória do projeto, mas, em especial, a partir do seminário. A organização do texto contém o histórico, a abordagem metodológica, a análise a partir dos temas gerais da matriz de sistematização de experiências e as lições e desafios identificados. O projeto Comboio fortaleceu a construção da Agroecologia em rede na Região Sudeste, desencadeando vários processos de aprendizados e transformação, que reverberam nos territórios.

Palavras-chave: Núcleos de Agroecologia, Articulação em Redes, Sistematização de Experiências.

ABSTRACT

This narrative aimed to organize the trajectory and to share the lessons and challenges systematized from the experience of the “Comboio Agroecológico do Sudeste, a Network of Studies in Agroecology Nuclei” project, which brought together the four states of Brazil's Southeast region. The goal was to share the results of the process of systematization of this project, which has the Regional Seminar of evaluation and systematization of experiences of the Southeast as a framework. This paper is the product of collective synthesis prepared by many actors. The text contains the history, the methodological approach, the analysis from the general themes of the systematization matrix of experiences, also the lessons and challenges identified. The Comboio project strengthens the construction of the network in Agroecology in the Southeast of Brazil, triggering several processes of learning and transformation that reverberated in the territories.

Keywords: Agroecology Nucleus, Networks, Systematization of Experiences.

¹Mestra pela Universidade Federal do Espírito Santo

²Mestrando na Universidade Veracruzana

³Mestra pelo CPDA/Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - Associação Brasileira de Agroecologia

⁴Mestranda na Universidade Federal de Viçosa

⁵Professora na Universidade Federal de Viçosa

Recebido em:
14/08/2017

Aceito para publicação em:
22/12/2017

Correspondência para:
irene@ufv.br

INTRODUÇÃO. TOMANDO UM RUMO: VIAJAR CURA A IGNORÂNCIA

Certo dia um Comboio partia. “– Segura!! Vai partir!! Este trem vai rumo à vida”, gritava o maquinista. Um grito que apareceu pela primeira vez no Caderno do Participante da primeira caravana agroecológica e cultural do projeto, mas que já havia ganhado estrada um tempo antes. Ali, naquele primeiro caderno do participante, surgiu em palavras travessas o que era o comboio, que agora partia. “[...] o trem de doido, o trem da diversidade, o trem do ‘movimento’ que carrega povos, sonhos e resistências” (Caderno do Participante, 2014). O trem que tecia uma rede de articulação pelos territórios do sudeste do Brasil.

Era dali também, daquele caderno, que se apresentava a recomendação para seguir nesse Comboio. “[...] calcanhar bem apontado que o caminho é longo e a diversidade é grande! Lá vem o sol e que venha a chuva! Olha o Comboio no meio da rua!”. Na expressão, a rua trazia também que o Comboio não passaria apenas pelo campo, mas passaria também pelas agriculturas urbanas. Assim, durante dois anos e meio (fevereiro/2014 e julho/2016), o Comboio de Agroecologia do Sudeste, uma Rede de Núcleos de Estudos em Agroecologia (R-NEA) da região Sudeste, esteve na estrada com apoio financeiro disponibilizado através de cinco Ministérios, dentre eles o extinto e saudoso Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por intermédio do edital 81/2013.

Uma das justificativas da necessidade do projeto foi de oportunizar intercâmbios entre as muitas e importantes experiências de agroecologia na região, mas que, por escassez de recurso, não havia tido a oportunidade de ampliar os aprendizados, em rede. Os aprendizados locais necessitam de inovações sociais, de metodologias, de desenhos produtivos e de arranjos institucionais para que os mesmos sejam articulados em redes e, assim, possam ser replicados, fortalecidos e ampliados e consigam somar esforços na construção de agendas de ensino, pesquisa e extensão rural mais territorializadas (LOPES et al., 2015).

Desse modo, o objetivo geral do projeto Comboio foi de fortalecer uma articulação entre os Núcleos de Agroecologia dos quatro estados da região sudeste do Brasil, instituições parceiras, bem como movimentos sociais e, neste desafiador processo, desenvolver, aprimorar metodologias de educação, pesquisa e extensão para o reconhecimento, construção e ampliação dos conhecimentos agroecológicos. Para isto, as metodologias que facilitam a interação entre saberes distintos, de trabalho interdisciplinar e construção de parcerias (CARDOSO et al., 2001) foram utilizadas.

Ao entrarmos nas águas do rio do tempo por onde passou a história do Projeto Comboio de Agroecologia do Sudeste, precisamos antes reconhecer que seus caminhos vêm sendo desenhados a partir de processos mais distantes que os narrados nesse texto. Tais laços nos remetem ao início dos anos 1980 e remontam a debates como a Agricultura Alternativa e a Educação Popular, ao mesmo tempo em que perpassam as histórias de lutas vividas pelos povos nos territórios (VILAR et al., 2013). Mas, como toda história precisa de um ponto para começar a “prosa”, iniciamos ao final de 2012, quando se indicou a necessidade de fortalecer e ampliar os Núcleos de Agroecologia como um dos componentes relevantes para o avanço da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão em Agroecologia. Esta indicação veio das mobilizações, no âmbito do I Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PLANAPO), dos movimentos sociais, da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) e de alguns Ministérios, com o destaque para o MDA. Fruto destas mobilizações e em um diálogo interinstitucional, os cinco ministérios citados anteriormente e o CNPq lançaram o Edital 81/2013, no qual o projeto Comboio de Agroecologia do Sudeste foi aprovado na categoria R-NEA.

As atividades do projeto Comboio de Agroecologia do Sudeste iniciaram-se em 2014. O título do projeto é exemplo de que o projeto nasce da poesia, da prosa e da escuta atenta dos saberes e práticas dos agricultores.

O título “Comboio Agroecológico” foi inspirado no livro “Trem”, de autoria do agricultor agroecológico Amauri Silva, de Espera Feliz (Zona da Mata mineira) [...].

Neste livro, rememoram-se as tecnologias sociais sustentáveis, que hoje se refazem e que são necessárias no enfrentamento da degradação humana e ambiental. (COMBOIO DE AGROECOLOGIA DO SUDESTE, 2013).

Para dar início ao planejamento e execução do projeto do Comboio, organizamos o primeiro encontro dos NEAs dessa rede, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em Seropédica-RJ, onde realizamos o Curso de Planejamento e Formação de Rede. Nesse momento, apontamos os caminhos necessários para fortalecer os processos mais horizontais de reflexão e de aprendizado coletivos e de geração de conhecimento (WEID, 2001). O encontro, com a participação dos quatro estados, foi realizado ainda sem os recursos do projeto, pois os mesmos ainda não haviam sido liberados, e, por isto, contou com a colaboração financeira dos núcleos. O encontro serviu para que todos se conhecessem melhor e coletivamente traçassem alguns rumos para os quais seguiria este comboio. Na ocasião, utilizamos a metodologia denominada *Dragon Dreaming* (BLANKE et al., 2013), apresentada ao Comboio pela Rede de Grupos de Agroecologia (REGA), parceira do começo ao fim do projeto e que nos inspirou para esse planejamento inicial. Esta metodologia torna o processo de planejamento mais lúdico e inovador e nos permite acreditar que podemos realizar nossos projetos a partir de nossos sonhos e de forma colaborativa.

Após o planejamento geral, realizamos, ao seu tempo, as reuniões de planejamento em cada estado (São Paulo em abril/2014, Minas Gerais em junho/2014, Espírito Santo em agosto/2014 e Rio de Janeiro em fevereiro/2015), com o objetivo de reunir os núcleos, organizações e movimentos sociais parceiros, para que cada estado, de acordo com sua realidade, pudesse encaminhar as ações do projeto.

Um dos objetivos dos núcleos foi fortalecer as articulações estaduais de agroecologia (Articulação Capixaba de Agroecologia – ACA, Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro – AARJ, Articulação Paulista de Agroecologia - APA e Articulação Mineira de Agroecologia – AMA). Tais articulações envolvem uma grande diversidade de sujeitos, organizações e movimentos sociais que foram parceiras em toda a trajetória do Comboio, contribuindo de diversas formas com o planejamento, realização, reflexões e avaliação de suas atividades.

O projeto contou com bolsistas em todos os estados do Sudeste que atuaram de forma articulada. Além de reuniões presenciais, os bolsistas realizaram várias reuniões virtuais que permitiram aos mesmos se conhecerem e trabalharem juntos. As reuniões virtuais possuem um caráter interessante, pois permitem interações motivadoras para um esforço de construção conjunta sem depender recursos financeiros e evitam que as distâncias sejam limites para a participação, as articulações e os aprendizados coletivos (SIMÕES, 2009). Entretanto, as reuniões presenciais, como a ocorrida em fevereiro de 2015, no Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata mineira (CTA-ZM), Viçosa-MG, permitiram aos bolsistas planejarem com mais especificidades as Caravanas Agroecológicas e Culturais e as Excursões Científicas, principais atividades do Comboio, que objetivaram ampliar e fortalecer as articulações entre os diferentes parceiros na região.

O projeto Comboio protagonizou a realização de quatro caravanas, uma em cada estado e contribuiu com a construção de outra na região sudeste (Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce, 2016). As caravanas foram utilizadas amplamente pela Articulação Nacional de Agroecologia, durante o processo preparatório do III Encontro Nacional de Agroecologia (ENA, 2014), realizado em Juazeiro (BA). A metodologia das caravanas foi inspirada nas lutas do povo, em suas romarias e caminhadas, mas foi sugerida à ANA pelo Programa Teia de Extensão Universitária da Universidade Federal de Viçosa. A Caravana propicia uma abordagem territorial ampla e independente, é um exercício político-pedagógico coletivo de análise e mobilização popular em torno de temas e problemáticas existentes nos territórios. As caravanas permitem um olhar coletivo sobre as experiências de agroecologia que propiciam a construção de uma visão integradora das diferentes dimensões que conformam a realidade dos territórios (ENA, 2014).

Nas caravanas, as rotas saem de diferentes pontos do território, percorrem diferentes trajetos, visitam experiências que trazem os anúncios da agroecologia, observam e debatem as

denúncias, que impedem aos avanços da agroecologia, como o agronegócio, a mineração, os grandes projetos de infraestrutura. Ao longo do percurso, os participantes são provocados a debater temas, a partir de um conjunto de questões problematizadoras, que constam dos cadernos dos participantes. Para cada caravana foi elaborado um caderno (<https://agroecologiasudeste.wordpress.com/>).

Estas questões foram elaboradas inicialmente pela ANA a partir de nove eixos e permitiram aprofundar os olhares sobre o desenvolvimento da agroecologia nos territórios, levando em consideração as disputas estabelecidas nos mesmos e a análise e interpretação do espaço geográfico (SANTOS, 1996). Para as caravanas do Comboio, os eixos foram ampliados para 13 e as questões constantes em cada um deles foram reelaboradas. Os eixos foram: posse da terra e direitos territoriais; soberania e segurança alimentar e nutricional; proteção, manejo e conservação dos recursos naturais; saúde; educação; economia e trabalho; mercados; cultura; questões sócio organizativas; identidades e cidadania; gênero e Juventude; conflitos; e políticas públicas.

A realização de uma caravana exige trabalho prévio de articulação com os grupos, entidades e comunidades a serem visitadas, o que, em geral, dura alguns meses, nos quais são feitas reuniões com representantes das organizações envolvidas para definir os objetivos da caravana, a rota a ser percorrida, os recursos financeiros que cada grupo pode disponibilizar, a logística de transporte e a infraestrutura para as hospedagens, e alimentação ao longo do trajeto (SILVA e LOPES, 2015). As rotas devem contemplar possibilidades de visitas às experiências culturais e agroecológicas (anúncios) e observação e debate dos desafios e ameaças à agroecologia nos territórios (denúncias). Uma orientação importante na escolha dos locais a serem visitados é a diversidade de povos e comunidades tradicionais que as experiências abarcam, como quilombolas, ribeirinhos, pescadores, assentados da reforma agrária, entre outros grupos.

Uma orientação importante na construção das Caravanas é de que, no mínimo, 50% dos participantes sejam agricultoras/es familiares (considerando a diversidade de povos e de contextos que esse termo abarca), além da equidade de gênero e geração. Cada Caravana movimenta uma série de atividades de ensino, pesquisa e extensão não só em sua realização, mas em sua construção, avaliação e sistematização. Todas as rotas convergiam para um determinado local, denominado culminância. Na culminância, as experiências vividas durante as rotas eram socializadas na forma de instalações artístico pedagógicas (a serem descritas posteriormente), também realizamos seminários e atos públicos – um deles, na caravana do Rio de Janeiro, foi no formato de almoço público preparado e servido pelos agricultores/as na praça pública de Cassimiro de Abreu, onde se deu a culminância. Os atos públicos tinham como objetivo anunciar a agroecologia e denunciar, para a sociedade, as práticas que a ameaçam.

Entre os principais resultados das caravanas podemos indicar as trocas e o fortalecimento da articulação entre os Núcleos de Agroecologia, instituições, movimentos sociais, agricultoras/es familiares e suas organizações, estudantes e técnicos de ATER nos estados e entre os estados da região. Além disso, elas permitiram: i) o reconhecimento das várias iniciativas da agroecologia antes isoladas, e que hoje fazem parte dessa Rede de Articulação, unidas na luta por direitos e Políticas Públicas adequadas; ii) o fomento à produção de materiais de comunicação voltados para divulgação das experiências territoriais visitadas para amplos segmentos da sociedade e na síntese dos debates realizados; e iii) a elaboração de diagnósticos participativos (COELHO, 2014) do território com apontamentos de marcos agroecológicos e desafios para o desenvolvimento da agroecologia e para a ampliação do diálogo com a sociedade. Os processos e produtos das caravanas estão registrados em vídeos, boletins, poesias, músicas, relatórios, artigos e resumos.

Além das caravanas, o Comboio realizou quatro excursões científicas, uma por estado, envolvendo, em cada uma, cerca de 30 participantes, principalmente estudantes de pós-graduação, graduação, técnicos de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) e das demais instituições participantes do projeto, sem considerar as pessoas envolvidas com as experiências visitadas. As excursões científicas, como as caravanas, foram instrumentos metodológicos de capacitação dos sujeitos envolvidos, de reconhecimento dos territórios e de articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Estas, ainda como as caravanas, aproximam-se das chamadas excursões pedagógicas e é um

método educativo, que incentiva a postura investigativa dos sujeitos a partir da realidade dos territórios (MAKARENKO, 2005).

Diferentemente das caravanas, as excursões científicas consistiram em uma imersão de três dias em experiências de referência em agroecologia escolhidas pelos parceiros e colaboradores, com a proposta de vivenciar de maneira mais intensa cada uma destas experiências escolhidas e de realizar uma sistematização das mesmas a partir de técnicas utilizadas na análise dos agroecossistemas das propriedades, a exemplo dos fluxogramas, caminhadas transversais, avaliação local e participativa da qualidade dos solos, entre outros. A partir das excursões, as experiências sistematizadas e registradas deram origem a uma série de boletins denominados "Nossa Roça" (<http://ctazm.org.br/biblioteca>), um dos produtos gerados pelo projeto.

Além das caravanas e excursões científicas, o projeto Comboio realizou e/ou colaborou com aproximadamente 100 ações que mobilizaram uma diversidade de atores, territórios, saberes e práticas. Ao todo, diretamente, 32 NEAs (incluindo os CVTs) foram articulados pelo projeto, sendo que 21 desses foram aprovados na chamada 81/2013 e os demais em chamadas anteriores e posteriores. Dos 32 núcleos, nove são ligados aos Institutos Federais, 20 as universidades, dois à Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (EPAMIG) e um à Empresa brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa, centro Milho e Sorgo) de Sete Lagoas/MG. Destes, 22 núcleos são do estado de Minas Gerais, dois do Espírito Santo, dois do Rio de Janeiro e seis de São Paulo. Para o desenvolvimento das ações, o projeto Comboio também contou com vários grupos de agroecologia e pessoas ligadas a vários projetos sociais que, de alguma forma, contribuíram com as atividades, a exemplo das filmagens, relatorias, fotografias entre outros. Esses sujeitos se juntaram ao coletivo e participaram do desenvolvimento das ações nos territórios, seja durante toda a rota ou em alguma visita.

OS RUMOS METODOLÓGICOS. UMA REFLEXÃO SISTEMATIZADORA

A sistematização do projeto Comboio procurou apropriar-se e compartilhar sua experiência vivida, como sugerido por Holliday (2006). O processo de sistematização participativa do projeto ocorreu durante o seminário de avaliação e sistematização do Comboio, denominado Seminário Regional de Sistematização de Experiências dos Núcleos de Agroecologia do Sudeste, ocorrido de 27 a 29 de julho/2016, em Sete Lagoas-MG, no campus da Universidade Federal de São João del Rey e na sede da Embrapa Milho e Sorgo. Tal seminário reuniu 117 participantes de 28 Núcleos de Agroecologia, além de representantes das quatro articulações estaduais de agroecologia, de organizações de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), da EPAMIG, da EMBRAPA e de outras organizações parceiras dos núcleos.

Em um primeiro nível de elaboração conceitual (HOLLIDAY, 2006), o seminário foi organizado como um momento de sistematização e avaliação do Comboio, mas, por isto, foi inserido no conjunto de ações realizadas pelo Projeto "Sistematização de experiências, construção e socialização de conhecimentos: o protagonismo dos Núcleos e Rede de Núcleos de Estudos em Agroecologia das universidades públicas brasileiras", coordenado pela Universidade Federal de Viçosa (MG), Universidade Federal Rural de Pernambuco e Embrapa (centro Agrobiologia/RJ) e realizado em parceria com a ABA-Agroecologia nas cinco regiões do país. Assim, o seminário permitiu uma "reflexão sistematizadora" (HOLLIDAY, 2006, p. 24), pois entende-se que a avaliação e a sistematização se retroalimentam mutuamente.

Nessa ocasião, estudantes, agricultoras/es, quilombolas, professoras/es, pesquisadoras/es, entre outros, interagiram, dialogaram e buscaram, a partir da prática, sistematizar coletivamente a experiência de construção e realização do projeto. As atividades do seminário foram realizadas a partir dos nove temas gerais da matriz de sistematização da ABA, em diálogo com os temas transversais da matriz. O seminário foi organizado em três partes principais, sendo: i) recomposição histórica do projeto, quando utilizamos a linha do tempo, construída na forma de instalação artístico pedagógica; ii) reflexão a partir da matriz de sistematização, denominado "vitrais da sistematização" (expressão adaptada de Falkembach, 1999); iii) perspectivas futuras, denominado caminhos e horizontes. Em todo

o seminário, procurou-se apontar as lições e os desafios encontrados pelo Comboio Agroecológico do Sudeste.

Para o presente exercício de escrita, buscamos construir retratos de um intenso processo de aprendizagem, ainda que não em sua composição total. Neste processo, a escrita foi realizada a partir da organização e reedição das informações, de forma artesanal. Para tanto, revisitamos as inúmeras tarjetas, cartazes, relatos, músicas e poesias, produzidas pelos participantes durante o Seminário. Cabe ressaltar que este texto é um produto coletivo de sínteses elaboradas por muitos e diferentes sujeitos, percepções, pontos de vistas, vivências e formas de olhar as práticas da Rede de Núcleos de Agroecologia do Sudeste. As reflexões sobre a experiência de ensino-aprendizagem do Projeto Comboio, “desaguam” na identificação da indissociabilidade dos princípios e das diretrizes da Educação em Agroecologia presentes no caminhar dos Núcleos de Agroecologia do Sudeste.

Vitrais coletivos: os pontos de muitas vistas

Das muitas reflexões, apresentamos aqui as principais sínteses produzidas na confluência de uma diversidade de linguagens, percepções e sentimentos, acumulados pelos membros dos NEAs que participaram das ações do Comboio, em especial durante o Seminário de Sistematização e Avaliação. Como colocado por Holliday (2006), a sistematização se apresenta como um momento importante para o apontamento de lições e desafios retirados dos processos vividos. Trataremos nesse tópico de apresentar, de maneira breve (e alguns casos mais alargada), reflexões e apontamentos referentes aos eixos da Matriz de Sistematização, pelos quais caminhamos durante a sistematização do Comboio.

Processos educativos

A promoção de ações pedagógicas críticas e investigativas em que a pesquisa da realidade, a capacitação dos envolvidos e a produção do conhecimento, sejam dimensões inseparáveis e interligadas à prática de pesquisa e extensão (SANTOS et al., 2013), se constituiu como uma premissa condutora dos processos educativos (FREIRE, 2002) orientadores da proposta do Projeto. O Comboio permitiu uma ampliação da noção de processos educativos e das próprias práticas educativas. Este foi um dos principais resultados alcançados ao longo de suas atividades. Muito se deve ao fato de que foram considerados outros ambientes educativos, além dos espaços formais de educação em que as viagens de reconhecimento, mapeamento de experiências em agroecologia, as visitas às hortas e lavouras, os atos públicos, as trocas de sementes e vivência das diferentes realidades possibilitaram aos participantes uma formação contextualizada. Nesses ambientes de aprendizagem, as metodologias abriram caminhos para que os diferentes sujeitos que compuseram essa Rede pudessem fazer sua leitura de mundo e dizer a suas palavras (FREIRE, 1988) e propiciaram aprendizados coletivos, onde todos puderam aprender com todos e ensinar a todos, em uma criação coletiva de saberes, crucial para transformações significativas (MERÇON e SANCHEZ, 2016).

A trajetória do Comboio reforçou o papel pedagógico dos intercâmbios (HOLT-GIMENEZ, 2008) a partir das vivências realizadas nas principais ações pedagógicas do Projeto, em um exercício contínuo de aprendizado coletivo e horizontal por meio de trocas que possibilitam, “com base nos diálogos entre os saberes científicos e populares, a geração de novos conhecimentos e procedimentos gerados pela ecologia de saberes” (ALVES et al., 2011, p. 11), essenciais para a promoção de sistemas agroalimentares sustentáveis, foco principal da agroecologia.

Os principais ambientes de interação agroecológica e os processos educativos identificados no decorrer da experiência do Comboio ocorreram durante as Caravanas Agroecológicas e Culturais e as Excursões Científicas. Os ambientes de aprendizagens considerados mais significativos e que possibilitaram os diálogos de saberes, bem como aprendizados coletivos, foram as vivências e as visitas nas diferentes rotas durante as caravanas; os seminários estaduais; atos públicos; reuniões preparatórias nos territórios com as organizações parceiras; as instalações artístico-pedagógicas (ALVES et al., 2011; ALVIN, 2013); as aulas públicas; as rodas de conversa; as exposições de fotos; as feiras agroecológicas; as intervenções culturais e os exercícios de análise. Os principais processos de

aprendizagem ocorreram durante a preparação dos cadernos dos participantes; nas vivências dos coletivos de comunicação; nas mobilizações de recursos, como o Catarse; no planejamento, execução e avaliação autogestionários das atividades; na elaboração das relatorias, na elaboração e realização das místicas, das celebrações, dos encontros e reencontros.

A elaboração dos cadernos dos participantes foi considerada importante no processo educativo por reunir informações gerais que permitiram formação sobre o território a ser percorrido por cada caravana, assim como a quantidade de informações detalhadas contidas no caderno permitiram e otimizaram a interação dos participantes com a proposta da Caravana. Além disso, as questões organizadas a partir dos eixos permitiram problematizar e aguçar o olhar investigativo sobre os diversos temas (SILVA e LOPES, 2016).

Os sentimentos também foram importantes nos processos educativos. “Menos mecanicismo e mais carinho nos processos” foi uma expressão sublinhada pelo grupo que sistematizou as lições aprendidas ao longo da construção das ações do R-NEA Sudeste. O diálogo na edificação coletiva de propostas, a mobilização de simbologias e de outras referências pedagógicas, orientadas pela estética, pela cultura e pela arte, além das referências dos movimentos populares que foram articuladas para construção do repertório do Projeto, foram fatores importantes nessa experiência.

Metodologias de participação

As Metodologias de Participação utilizadas pelo Comboio foram inspiradas nos movimentos sociais, nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), na Educação Popular e na própria história do Movimento Agroecológico no Brasil. Dentre as metodologias e métodos utilizados apontamos o Dragon Dreaming, as trocas de saberes, as instalações artístico-pedagógicas, a facilitação gráfica, o círculo de cultura, a cartografia social, o Diagnóstico Rápido Participativo de Agroecossistemas (DRPA), entre outras.

Destacamos aqui as instalações artístico pedagógicas, utilizadas nas culminâncias das caravanas e nas excursões científicas de MG e ES. As instalações pedagógicas se originaram dos programas de formação do movimento sindical brasileiro das décadas de 1980 e 1990, mas passaram a incorporar, em 2010, o elemento artístico a partir da II Troca de Saberes (ALVES et al., 2011; ALVIN, 2013), evento anual realizado na Universidade Federal de Viçosa-MG.

As instalações consideram a multiplicidade de “suportes e materiais”, na criação de cenários compostos por elementos da realidade, proporcionando o entendimento dos espaços geradores de conhecimentos como passíveis de se tornarem instalações, sejam laboratórios ou ambientes mais amplos, como propriedades rurais, regiões de conflitos, territórios. As reflexões são provocadas a partir dos sentidos para determinado tema, problemática ou situação, se confirmando como o ponto de partida para a discussão, compartilhamento e construção coletiva dos senti-saberes (ALVIN, 2013). Os processos educativos podem, decerto, estar atrelados à atividade estética, considerando a aprendizagem/educação como um processo formativo do humano, transcendendo as paredes que circundam uma sala de aula, para inserirem-se no próprio contexto cultural onde se está (DUARTE JR., 1981). Ao romper com os formatos tradicionais de exibição dos saberes, esse dispositivo criativo socializa, de maneira lúdica, as experiências vividas e dinamiza os diálogos de saberes. A metodologia tem funcionado como importante ferramenta de formação em Agroecologia no sentido de permitir acesso a aspectos da mesma que, sozinhos, a lógica e o pensamento discursivo não alcançam plenamente. As instalações artístico-pedagógicas foram utilizadas como culminância das caravanas do III Encontro Nacional de Agroecologia de 2014, em Juazeiro-BA e passaram a ser incorporadas pelo movimento agroecológico do Brasil.

Equipes, parcerias e atores

“É preciso avançar, deixando espaço para que novas coisas aconteçam”. Com este espírito, o Comboio fortaleceu as relações já existentes entre as articulações estaduais, mas também possibilitou a

criação de novas parcerias entre os estados e dentro deles. Um dos exemplos concretos dessa ampliação dos diálogos estaduais é o caso do Espírito Santo, em que, a partir da construção da Caravana, as regiões Norte e Sul do estado, como foi relatado pelos envolvidos de cada uma das respectivas regiões, estreitaram suas relações e aproximaram os seus diferentes fazeres agroecológicos, em um processo que não esconde seus limites e desafios, mas aponta horizontes comuns de construção conjunta.

Por não haver metodologia única, mas um repertório delas e múltiplos caminhos, o Comboio abriu espaço para que os parceiros fizessem coletivamente suas próprias opções. Os NEAs e territórios, em espaços menos hierárquicos de escuta e planejamento, colocaram suas prioridades em percursos que enfrentaram muitos desafios, mas que se fortaleceram para seguir em rede, de preferência com apoio de políticas públicas, mas, se preciso for, sem elas, mesmo que com dificuldades e fragilidades. A exemplo, após a finalização do financiamento via edital 81/2013, as articulações entre os núcleos e parceiros seguem na busca por cultivar possibilidades de trabalho conjunto, seja acessando outros editais, seja compartilhando as agendas, recursos e tempos para que sigamos em Comboio. A partir de reuniões por videoconferência, os núcleos discutiram suas estratégias de elaboração dos projetos a serem apresentados no edital de apoio aos núcleos que se seguiu ao edital 81/2013 (edital 21/2016).

Outro exemplo dos desdobramentos após a finalização do projeto foi a realização do seminário “Dialogar para Transformar: Diretrizes para apoio à pesquisa em Agroecologia, Agricultura Familiar e Urbana e Povos e Comunidades Tradicionais de Minas Gerais”. O seminário foi fruto da articulação entre os núcleos, CVT e redes de agroecologia do estado, sindicatos e movimentos sociais, órgãos públicos e representantes de conselhos. A diversidade de sujeitos presentes no seminário buscou, durante três dias, refletir sobre a questão “qual ensino, pesquisa e extensão queremos para a Agroecologia?” O seminário consolidou a construção de um edital estadual de apoio aos núcleos de estudos, pesquisa e extensão em Agroecologia e de outro edital para o apoio à pesquisa de forma mais universal em agroecologia. Essas e outras articulações demonstram que o Comboio Agroecológico segue seu caminho. A força na diversidade, surgida do processo inicial, tem garantido a resistência dessa articulação em diferentes contextos.

Diversidades e etnicidade

Uma das dimensões essenciais do projeto Comboio foi a de diversidades de saberes, práticas e culturas mobilizadas e vivenciadas, bem como a possibilidade de intercâmbios entre as mesmas. No seminário de sistematização, a apresentação do grupo que discutiu o tema de diversidades e etnicidade foi feita pelo Mestre da Banda de Congo José Lúcio Rocha (Mestre Boi), de Airões, em Paula Cândido, na Zona da Mata Mineira. Além do Congado, foram citadas manifestações culturais que compuseram o Comboio como Jongo, Capoeira, culinárias, Folia de Reis, entre outras.

As Caravanas cumpriram papel importante em articular e aproximar diversos atores e organizações das comunidades rurais e ou urbanas, em um exercício de intercâmbios e vivência que nos permitiram uma aproximação ao que Boaventura de Sousa Santos denomina de Pensamento Pós-abissal, pois ultrapassa a linha que segrega saberes não legitimados pela ciência moderna, permitindo a Ecologia de Saberes. Em especial, as caravanas possibilitaram maior aproximação dos Núcleos com as comunidades tradicionais, como quilombolas e caiçaras. Entretanto, a sistematização apontou que ainda precisamos nos esforçar mais no uso de metodologias que dialoguem melhor com as comunidades, as agricultoras, quilombolas, pescadoras e demais sujeitos que não dominam a linguagem da academia.

Agrobiodiversidade

Nas experiências visitadas ao longo das cinco Caravanas e as quatro Excursões Científicas, reforçamos a importância da consolidação de redes de diálogo entre os órgãos públicos para garantir o reconhecimento de variedades e saberes locais. Vale ressaltar que na relação com essas instituições, principalmente as de pesquisa, para além da criação de bancos de germoplasma para armazenar as

sementes e/ou outro material genético, é necessário desenvolver mecanismos para que essas variedades componham a agrobiodiversidade dos sistemas produtivos das/os agricultoras/es (PLOGG, 2008). Ou seja, os saberes associados ao uso da agrobiodiversidade devem ser reconhecidos e serem parte de estratégias de aumento da biodiversidade nos sistemas produtivos, aumentando também a resiliência socioeconômica e ambiental. Estes saberes estiverem presentes, por exemplo, durante as verdadeiras prospecções botânicas que ocorreram durante as caravanas, quando todos sempre saíam com plântulas e sementes para enriquecer seus agroecossistemas; nas feiras de trocas de sementes presentes nas culminâncias; nas inúmeras receitas alimentares e de manejo dos agroecossistemas aprendidas; nas inúmeras informações trocadas sobre espécies e raças animal e vegetal e que permitiram compreender melhor e respeitar mais a natureza. Nas atividades do Comboio não faltaram também reflexões sobre as ameaças das sementes transgênicas, bem como utilizar os saberes locais (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2009) para manejar espécies, reduzindo o uso de agrotóxicos.

Gênero

“Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer / Participando, sem medo de ser mulher!”, música do artista popular Zé Pinto, que foi cantada em muitos momentos do projeto Comboio. As mulheres que se debruçaram sobre a questão de gênero, durante o seminário, apontaram que, apesar dos avanços que temos no debate de gênero e agroecologia, muitas práticas machistas ainda permanecem muito fortes dentro do movimento agroecológico e se expressaram em comentários machistas presenciados em alguns momentos durante as caravanas.

As mulheres e seus trabalhos são invisibilizados e/ou subvalorizados de forma geral e de forma específica nos contextos como a Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), onde técnicas e agricultoras são vítimas do machismo em atividades cotidianas. No seminário de sistematização o machismo e a invisibilização foram denunciadas pelos participantes utilizando a linguagem do teatro.

Durante o seminário avaliou-se que mais espaços específicos para discutir a questão de gênero são necessários, o que ocorreu apenas na Caravana de SP, onde as mulheres tiveram espaços próprios para se reunirem e trocarem experiências durante as rotas. A sistematização apontou a necessidade de se ter, nos próximos projetos da Rede Sudeste de Agroecologia, ações regionais em que a questão de gênero seja debatida de forma articulada.

Juventudes

“Nossa bandeira são todas as bandeiras / Costuradas, amarradas com o laço do amor / É a juventude agroecológica / Que vai pintar um mundo novo de outra cor”. Esses versos são da música “Juventude Agroecológica”, da Banda Zafenate, presente na Caravana Agroecológica e Cultural de SP. No seminário de sistematização, o debate do grupo juventudes foi apresentado a partir desta música, que destaca o papel da juventude na construção de agroecologia com base em princípios como amor, bem-viver, coletividade e compromisso.

Os participantes do Comboio presentes no seminário de sistematização apontaram como importante a aproximação com a Rede de Grupos de Agroecologia (REGA), composta majoritariamente por jovens. Os participantes apontaram, também, como crucial para o desenvolvimento das ações do comboio o princípio de autonomia das bolsistas, um grupo também formado por jovens que vêm de diversos contextos e trajetórias. A autonomia, a partir dos objetivos comuns e estabelecidos coletivamente, permitiu aflorar a criatividade, iniciativa e protagonismos dos jovens.

Entretanto, ainda há dificuldades em trabalhar a questão da juventude a partir da realidade dos jovens e que essa deve ser uma priorizada nas perspectivas de continuação da rede. Esta dificuldade foi explicitada no questionamento durante o seminário de sistematização: “A gente traz os jovens para a Caravana, mas o que passa na cabeça deles?”. Outro questionamento é que a juventude participante do Comboio era majoritariamente universitária e que, para as atividades futuras, é preciso procurar engajar mais os jovens das comunidades.

Saúde

A apresentação do grupo que debateu a questão da Saúde no seminário foi bastante lúdica e envolveu danças, exercícios de yoga e músicas, elementos que também apareceram no debate como práticas comuns no comboio e que são intrinsecamente ligadas à saúde. A questão do uso de agrotóxicos foi um dos disparos para o debate, pois esta é uma questão historicamente tratada no movimento agroecológico, devido aos danos à saúde provocados pelo uso dos venenos.

O Comboio facilitou as trocas de saberes e fazeres que contribuem para fortalecer aqueles que estão dispostos a produzir alimentos saudáveis, a partir dos princípios da agroecologia. Em todas as ações do Comboio, priorizamos o uso de alimentos produzidos pelos próprios agricultores agroecológicos que fazem parte dos núcleos e ou movimentos, como uma forma de cuidado com a saúde dos participantes, além de contribuir para a geração de renda das agricultoras/es.

A saúde espiritual também foi considerada como uma preocupação do Comboio, que se expressou pelas práticas de meditação, oração, massagens, práticas corporais, músicas, entre outras, realizadas durante cada atividade. A partir do projeto foi possível observar também a gravidade das questões de saúde psicológica/mental em comunidades impactadas por grandes empreendimentos, uma realidade que muitas vezes não é devidamente tratada no âmbito da saúde pública.

Políticas públicas

As ações do Comboio possibilitaram, a partir da diversidade de seus participantes, observar e refletir sobre as políticas públicas que incidiram nos diferentes territórios e os principais desafios vivenciados pelas comunidades para garantia de seus direitos e acesso a estas políticas. Diferentes políticas foram vivenciadas e observadas nos territórios pela Rede de Núcleos do Sudeste. Políticas estas que não estão apenas no campo produtivo, mas também sociais, de moradia, saúde, cultura e infraestrutura e são essenciais para a compreensão holística do modo de vida no campo.

Dentre as distintas políticas, programas e ações governamentais em diferentes esferas, as percebidas com maior intensidade na caminhada do comboio foram a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO), apontada como um novo marco da agroecologia no Brasil e que permitiu o fortalecimento dos NEAs; a Política Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa Nacional de Aquisição de Alimentos (PAA); o Programa Nacional da Agricultura Familiar (PRONAF); e a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER). A visão alargada das relações estabelecidas na implementação dessas políticas, mostra que a operação dessas ações nos territórios articula e mobiliza aprendizados, desafios e a densidade de relações de poder e confiança já existentes nos territórios.

O PNAE e o PAA, além de projetos que fortaleceram as feiras agroecológicas estiveram muito presentes nas falas das comunidades, nas visitas e diálogos, pois tratam-se de políticas que favorecem à comercialização diversificada dos produtos da agricultura familiar e, com isto, favorecem a agroecologia a partir da geração de renda direta. Estas políticas favoreceram os quintais agroecológicos, no campo ou nas cidades.

Os quintais oportunizam a diversidade alimentar, assim como a preservação da cultura alimentar e dos recursos da agrobiodiversidade (AMOROZZO, 2002). Os quintais agroecológicos visitados nas Caravanas e Excursões possibilitaram debater e refletir sobre as questões de gênero, da juventude, soberania alimentar, da geração de renda e cuidados com a natureza. As mulheres são protagonistas no trabalho dos quintais, em grande parte com contribuições importantes da juventude, com o objetivo primeiro de prover qualidade ambiental no entorno da casa e alimentos para a família. O manejo dos quintais geralmente é feito com biodiversidade, cuidado e respeito à natureza, sem a utilização de agrotóxicos. Portanto, indicamos aqui que as políticas públicas que incidiram sobre os quintais permitiram tratar de forma articulada das questões de gênero, juventude, fontes de renda, soberania e segurança alimentar e saúde.

As relações estabelecidas com a ATER, facilitadas a partir da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER), promoveram ações de aproximação entre as EMATERs de alguns NEAs. Exemplos de como o fazer articulado das redes constrói e possibilita novas interações e conquistas pedagógicas e políticas.

Apontamos ainda, que muitas políticas públicas, em especial aquelas que fortaleceram o agronegócio, a concentração de terras, os grandes projetos de infraestrutura, mineração e barragens, ampliaram os conflitos socioambientais e promoveram retrocessos, com a perda de direitos das comunidades e apresentam grandes desafios para o fortalecimento da agroecologia no Sudeste e no Brasil. A articulação, a informação, a comunicação e a transparência foram indicadas como chaves para pensarmos todas as interações com as políticas públicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: LIÇÕES APRENDIDAS E DESAFIOS

Apesar de suas limitações operativas, o projeto Comboio conseguiu chegar a variados sujeitos que, de formas diferentes, participaram das ações e reflexões do projeto, criando, sempre que possível, espaços diversos e férteis para a reflexão compartilhada. A Rede de Articulação dos Núcleos de Agroecologia da região Sudeste se tornou mais do que um projeto com metas a serem cumpridas.

Ao dar visibilidade a ações sustentáveis nas dimensões ecológica, econômica, social, cultural, política e ética, ao anunciar os avanços e denunciar os conflitos estabelecidos nos territórios, bem como ao promover uma formação coletiva e a aproximação dos variados sujeitos de transformação, o projeto Comboio fortaleceu a construção da Agroecologia na Região Sudeste, desencadeando vários processos de transformação, que reverberam nos territórios.

Como esperado, o Comboio se transformou numa rede de aprendizagens, articulada e mediada por vários instrumentos metodológicos e tecnológicos permitiu fortalecer a articulação e a aproximação entre os NEAs, partindo do maior conhecimento e entendimento de suas práticas a partir de seus territórios de atuação. Isto porque a construção coletiva, a elaboração e o desenvolvimento das ações em rede com os núcleos de agroecologia permitiram a identificação e a sistematização de várias experiências em agroecologia existentes na região sudeste. Esse reconhecimento trouxe maior visibilidade para as experiências e, conseqüentemente, a valorização desses saberes que, em muitos casos, antes se encontravam isolados ou desarticulados. Ainda que cada sujeito, grupo ou organização atuem em contextos distintos, a "passagem" do Comboio permitiu ampliar a integração destas experiências de resistência em uma rede de construção de conhecimento agroecológico. A ação em rede traz resiliência para nossos projetos, pois permite ter mais confiança coletiva no enfrentamento dos desafios que estão por vir e mais confiança de que muitos frutos ainda serão colhidos.

A partir da compreensão da atuação dos Núcleos, podemos indicar que, de forma geral, os mesmos atuam buscando a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, assim como atuou o Projeto de Rede de Núcleos Comboio de Agroecologia do Sudeste. A indissociabilidade tornou-se parte essencial para que todo esse processo de construção da rede fosse possível. As ações, muitas vezes mediadas pelo trabalho, pelo erro e acerto e pelas trocas de saberes, pela sistematização das experiências e pela socialização dos produtos do projeto, permitiram a aprendizagem significativa e articulação entre a teoria e a prática. As ações permitiram, ainda, que objetos de pesquisas fossem identificados a partir da realidade das comunidades.

Dentre os aprendizados nesse caminho, é importante ressaltar o cuidado e o respeito à diversidade, caminhos, estratégias, saberes, fazeres que envolvem a construção de nossas redes. A construção das redes impõe o desafio de trabalhar coletivamente e aprender a trocar experiências. Estamos certos de que nosso caminho perpassa o [re]encantamento dos processos de ensino-aprendizagem, das relações de confiança e das parcerias construídas com erros, acertos, encontros e reencontros.

Os processos de sistematização mostram não só os acertos, mas também os desafios e contradições (HOLLIDAY, 2006). Dentre eles, apontamos que o Comboio não desenvolveu estratégias

para a devolução de seus resultados nas comunidades pelas quais percorreu, quando deveria praticar uma escutatória do que representou suas ações práticas durante sua passagem, como nos apontou Rubem Alves. Mesmo com o fim do projeto, tais estratégias ainda podem ser desenvolvidas. Indicamos ainda a necessidade de aprofundar a reflexão e desenvolver ações que permitam o protagonismo das mulheres e juventudes, e que permitam avançar na superação dos preconceitos de qualquer natureza, seja de gênero, raça, geração, sexualidade e outros.

Apesar do processo de “mão dupla” desencadeado nas relações entre os NEAs e o Comboio, as dificuldades de diálogo em algumas situações são claras e, por muitas vezes, faltou sintonia entre os parceiros. Dificuldades inerentes ao fazer coletivo, que aproxima e respeita as diversidades dos grupos. A sistematização apontou a necessidade de aproximação das agendas de trabalho nas quais as relações de confiança e amor nos ajudem a refletir sobre a articulação regional de agroecologia do Sudeste.

Outro desafio a ser superado pelos NEAs é o do financiamento. Sem políticas públicas que apoiem decisivamente suas ações, os NEAs terão dificuldades em seguir suas trajetórias, porém, elas não podem ser interrompidas, é preciso, a partir das parcerias, buscar formas de continuar existindo e se articulando em rede, pois o comboio precisa continuar. Viva o trem do Comboio, que segue tecendo redes e saberes em favor da vida. Vida longa aos Núcleos de Agroecologia!

AGRADECIMENTOS

Às/aos bolsistas e voluntários do projeto, que com seu empenho, carinho, resiliência e alegria mantiveram esse Comboio sempre em movimento; aos parceiros e parceiras que ajudaram e ajudam a tecer cada fio dessa rede e que dão vida às linhas desse texto. Ao CNPq e ministérios pelo apoio ao projeto.

REFERÊNCIAS

- ALVES, L. U. F et al. (Org.). **Troca de Saberes: Flores das Sombras da Agroecologia**. 1ª. ed. Viçosa MG: Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, 2011. v. 500. 143p.
- ALVIN, M. H. **Instalações Pedagógicas: Experimentos de um conceito em construção**. Trabalho de Monografia, UFV. Viçosa, 2013.
- AMOROZZO, M. C. C. **Agricultura tradicional, espaços de resistência e o prazer de plantar**. Recife: SBEE, 2002.
- BLANKE, C. et al. **Dragon Dreaming: desenho de projectos**. Trad. Rita Tojal, Teresa Silva, Marta Duarte, Pedro Ferreira, Njiza Costa & Virgílio Varela eBook_portuguese_V02.09. Disponível em: <<http://www.dragondreaming.org>>. Acesso em: 04 ago. 2017.
- CADERNO do Participante. Caravana Agroecológica e Cultural da Zona da Mata - **MG: rumo ao III ENA - Encontro Nacional de Agroecologia**. Viçosa, maio de 2013. Disponível em <www.catazm.org.br/biblioteca>. Acesso em: 05 ago. 2017.
- CARDOSO, I. M. et al. Continual learning for agroforestry system design: university, NGO, and farmer partnership in Minas Gerais, Brazil. **Agricultural system**, n. 69, p. 235-257, 2001.
- COELHO, France Maria Gontijo. **A arte das Orientações Técnica no Campo: Concepções e Métodos**. 2 ed. –Viçosa, Mg: Suprema, 2014.
- COMBOIO DE AGROECOLOGIA DO SUDESTE. **Projeto CNPq processo nº 487871/2013-8**, Universidade Federal de Viçosa, 2013.
- DUARTE JR., João-Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação**. São Paulo –SP: Cortez, 1981.
- ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA, 3., 2014, Juazeiro, BA. Cuidar da Terra, Alimentar a Saúde e Cultivar o Futuro. **Anais do III Encontro Nacional de Agroecologia (ENA)**. Rio de Janeiro: Articulação Nacional de Agroecologia - ANA, 2015. Disponível em <<http://www.agroecologia.org.br/files/importedmedia/anais-do-iii-encontro-nacional-de-agroecologia-ena.pdf>>. Acesso em 03 ago. 2017.
- FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. Sistematizando: Juntando cacos, construindo vitrais. In: FUMAGALLI, D.; SANTOS, João M. P. dos; BASUALDO, Maria. E. (Orgs.). **O que é sistematização? Uma pergunta e diversas respostas**. São Paulo: CUT, 2000.
- FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, 12ª ed.
- _____. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 1988. 80 p.

- HOLT-GIMENEZ, E. **Campesino a Campesino: Voces de Latinoamérica – Movimiento Campesino para la Agricultura Sustentable**. Managua: SIMAS, 2008. 312p.
- HOLLIDAY, O. J. **Para sistematizar experiências**. Tradução de: Maria Viviana V. Resende. 2. ed., revista, Brasília: MMA, 2006. 128 p. (Série Monitoramento e Avaliação, 2)
- LOPES, L. S. et al. Comboio agroecológico: rede de núcleos do Sudeste. **Cadernos de Agroecologia**, [S.l.], v. 10, n. 3, maio 2016. Disponível em: <<http://aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/view/19054>>. Acesso em: 03 ago. 2017.
- MAKARENKO, A. **Poema Pedagógico**. São Paulo (SP): Editora 34, 2005. 656p.
- MERÇON, J.; SANCHEZ, A. S. Cocreación de saberes, poderes, prácticas e identidades campesinas en Tlaxcala, México. **Leisa revista de agroecología**, v. 32, n. 1, p. 14-16, 2016.
- PLOEG, Jan Douwe van der. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade**. Tradução de Rita Pereira. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos-CEBRAP**, n. 79, p. 71-94, 2007.
- SANTOS, M. L.; BARBOSA, W. A.; KOLLN, M. Programa de extensão TEIA/UFV: formação universitária para uma ecologia de saberes. **Educ. rev. [online]**. 2013, vol.29, n.4, pp.69-98.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4 ed. 7. Reimpr. – São Paulo: Editora da USP, 2012, 1996.
- SILVA, M.; LOPES, L. S. Inovações metodológicas: caravana agroecológica como processo de análise dos territórios e agroecologia. **Cadernos de Agroecologia**, [S.l.], v. 10, n. 3, maio 2016.
- SIMÕES, I. A. G. A Sociedade em Rede e a Cibercultura: dialogando com o pensamento de Manuel Castells e de Pierre Lévy na era das novas tecnologias de comunicação. **Revista Eletrônica Temática**, Ano V, n. 05, 2009. Disponível em <<http://www.insite.pro.br>> Acesso em: 03 ago. 2017.
- TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **La memoria biocultural: La importancia ecológica de las sabidurías tradicionales**. Barcelona: Icaria editorial, s.a., Arc de Sant Cristòfol, 2009.
- VILLAR, J. P. et al. Os caminhos da agroecologia no Brasil. In: GOMES, J. C. C.; ASSIS, W. S. (ed.). **Agroecologia: princípios e reflexões conceituais**. Brasília, DF: Embrapa, 2013. (Coleção Transição Agroecológica). p. 37-72
- WEID, J. M. V. D. A trajetória das abordagens participativas para o desenvolvimento na prática das ONGs no Brasil. In: BROSE, M. (Org.) **Metodologias participativas: uma introdução a 29 instrumentos**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001. p.104-112.
-